



**#Rio2016**

## **A corrida de Edneida Freire entre as barreiras da Cidade Olímpica**

Originalmente publicado no [Medium](#), em 11 de janeiro de 2016

Autoria de Thiago Mendes / Instituto PACS

Fotos de Aline Furtado

**Na vida da educadora de atletismo Edneida Freire, 51, há uma disputa ainda não vencida que transforma o semblante da amazonense. O sorriso largo dá lugar à indignação quando Edneida fala sobre o fechamento do Estádio de Atletismo Célio de Barros, casa de centenas de atletas no Rio, trancado ao acesso em 9 de janeiro de 2013.**



Sem lugar fixo para treino, crianças e adolescentes acompanhados por Edneida improvisam espaços de corrida no campus do Fundão, na UFRJ. Foto: Aline Furtado/Pacs

Na Cidade Olímpica, o direito ao esporte vem sendo constantemente violado com o fechamento de equipamentos esportivos: uma disputa desleal que

coloca atletas e treinadores de um lado e organizadores dos Jogos de 2016 do outro.

As muitas corridas, saltos e obstáculos superados estão no rosto e na história da ex-atleta, nascida em Manaus (AM). Foi lá onde se apaixonou pelo atletismo, ainda na escola. Em 1985, deixou a família para começar uma nova história no Rio de Janeiro (4.374 km de distância), para estudar e perseguir o sonho da carreira nas pistas.

*For an English version of this text, click [here](#)*



Edneida Freire adotou o Rio — e o Célio de Barros — como casa para seguir a carreira de atleta e, hoje, de educadora de atletismo. Foto: Aline Furtado/PACS

A trajetória de Edneida se cruzou com a do Estádio Célio de Barros há algum tempo. Em 1980, aos 16 anos, após fraturar o nariz e quebrar alguns dentes

um dia antes da prova, Edneida foi campeã brasileira de pentatlo no estádio que anos mais tarde iria abraçar.

A conquista rendeu a ela uma viagem a onze cidades nos EUA e competições em Los Angeles e Miami, além do convite para cursar Educação Física com bolsa de estudos no Rio. Terminada a faculdade, ela passou a trabalhar com projetos sociais com crianças e adolescentes.

*“Eu não saí mais do Célio de Barros. Minha história aqui no Rio de Janeiro foi toda lá. Eu dizia que era minha primeira casa. Ficava de segunda a segunda, praticamente”, detalha Edneida.*

Por lá passavam cerca de 800 pessoas todos os dias, contabiliza, entre crianças de projetos sociais, atletas olímpicos e paralímpicos, que dividiam o treino em oito raias. A “casa do atletismo no Rio” amanheceu no dia 9 de janeiro de 2013 com um cadeado no portão. Equipamentos de treino, documentos dos atletas, tudo ficou lá dentro sem que ninguém fosse autorizado a entrar.

A pista onde Edneida treinava cerca de 80 crianças de 4 a 10 anos, considerados por ela como “filhos adotivos”, foi destruída para receber entulho da obra do Maracanã e depois foi asfaltada para dar lugar a um estacionamento. Do antigo centro esportivo só restaram as arquibancadas, às custas de liminares na Justiça e porque “é um tapume para a sujeira que estão fazendo”, argumenta Edneida.

***“A gente aguentou aqueles buracos quilométricos, aquelas máquinas. A gente competiu com aquela poeira desgraçada, porque a gente esperava que depois da obra do Maracanã fosse melhorar para a gente. A gente***

***treinou com máquinas gigantescas dentro da pista. Eles foram afunilando a gente. Foi assim nossa tortura. Porque ninguém queria sair de lá, porque aquilo era nosso”, resume Edneida.***

Para ela, o fechamento do Célio de Barros representou uma grande violação de direitos humanos, já que ocorreu sem o mínimo diálogo. Todos foram postos literalmente no “olho da rua” e, três anos depois, atletas, treinadores, crianças e adolescentes continuam perambulando sem local fixo. De início, o Governo do Estado ofereceu como espaço de treino o Estádio Olímpico do Engenhão, sede do clube de futebol Botafogo. Foram dois meses disputando a pista com os jogadores do clube. Em dias de partida de futebol, os treinos não eram permitidos. Para usar o banheiro, era preciso contar com a boa vontade do dono de um bar, do lado de fora do Estádio.



No local atual de treino, no campus da UFRJ, Edneida e alunos precisam “limpar o terreno” para formar as caixas de areias a cada treinamento. Foto: Aline Furtado/PACS

Mas o Engenhão precisou ser fechado, em razão de problemas na estrutura da sua cobertura. Os atletas ficaram sem ter onde treinar novamente. Os treinamentos foram transferidos para a Quinta da Boa Vista, um parque público da cidade.

***“Com as crianças é mais complicado ir para a rua, espaço aberto. Sem contar que você lança um dardo e fica preso na árvore. Chamamos um bombeiro para tirar o dardo de uma árvore centenária. Um peso foi arremessado, entrou num buraco com lama e a gente nunca mais conseguiu tirar o peso de lá”, detalha Edneida sobre os perrengues por que passam os atletas sem-teto.***



Atual local de treinamento foi cedido provisoriamente e tem problemas como rachaduras na pista, escombros nas laterais e até uma caixa d'água destampada. Risco para atletas, crianças e adolescentes. Fotos: Aline Furtado/PACS

Isso sem mencionar que os atletas de nível internacional não tiveram como treinar em parques públicos, sem equipamentos como bloco de saída, metragem e pista adequadas. Edneida conta que foi encontrado um local de treinamento apenas para os atletas com os dez melhores tempos do Brasil. “Como eu posso explicar para uma criança que ela não pode entrar porque ela não tem resultado?”, conta a treinadora, que olha para o lado, silencia e chora.

É o caso do menino Guilherme Leite, 8, morador da Zona Norte do Rio e desde os quatro treinando no Célio de Barros. “Em qualquer país sério em que o Guilherme morasse, ele já ia ser uma criança que seria preparada para chegar a um Olimpíada”, indigna-se Edneida. Ela descreve Guilherme como um garoto que, por enquanto, está “apenas brincando de atletismo”.

Edneida se diz pessimista com a promessa do Governo do Estado de reconstruir o estádio depois das Olimpíadas. A simpática treinadora de olhos brilhantes se empolga ao falar sobre o trabalho com as crianças, para depois chorar ao pensar em muitas que ela não conseguiu acolher depois do fechamento do estádio.

***“Eles poderiam construir cinco estádios novos. O Célio de Barros é um patrimônio histórico, jamais poderia ser violado. Tem história de vida ali dentro”, resume.***

A conversa acaba, Edneida escreve ao repórter “Que Deus esteja sempre conosco!” num papel e corre para suas obrigações, pois já está atrasada para o próximo treino. Ela conhece as derrotas, e por isso sabe que a luta na Cidade Olímpica é uma prova de vários quilômetros com barreiras.



Edeneida venceu muitas disputas na vida, mas não desistiu do sonho de voltar ao Célio de Barros, sua "segunda casa". Foto: Aline/PACS

**Conheça mais sobre a mobilização contra o fechamento do Estádio de Atletismo Célio de Barros. Siga a página no Facebook Associação dos Atletas e Amigos do Célio de Barros**



**Leia o mais recente dossiê lançado pelo Comitê Popular Copa e Olimpíadas**



**Acesse aqui >> Olimpíada Rio 2016, os jogos da exclusão**

Participe da Campanha por Jogos Olímpicos que respeitem os direitos das pessoas. Comente nas redes sociais com as hashtags **#Rio2016 #Olympics4people**

*Todas as fotos, textos e publicações do Pacs estão sob licença Creative Commons. Todo o material pode ser reproduzido em qualquer meio, sem a necessidade de autorização prévia, desde que citado o Instituto como fonte.*